

A ESPERANÇA.

JORNAL DE INSTRUÇÃO E RECREIO.

Redactores diversos.

ANNO I

DESTERRO, 15 DE DEZEMBRO DE 1867.

N. 12.

A ESPERANÇA.

A' illustre Redacção da Esperança.

N'um seculo de descrenças, e portanto de desanimo e de frio e contrahido egoismo, é grandioso e apprazivel de ver o espectáculo nobre e sympathico d'esses Jovens athletas da intelligencia e do futuro, que se associão fraternalmente para cultivar as bellas lettras pelo amor que lhe consagrão!

Tal nesta amena Província de Santa Catharina surgiu a brilhante e estudiosa mocidade, que alvoraaando seu estandar e litterario sob o titulo modesto e fagueiro: — A ESPERANÇA — tem caminhado gloriosamente nas vias do progresso, fazendo seus ingenuos ensaios com o maior fructo proprio e dos leitores.

A lingua do Grande Camões e Vieira tem sido cultivada com o devido cuidado e respeito por estes jovens litteratos, nova pleiade brilhante de fulgidas estrellas, que assomão prazenteiras e amaveis no puro céu de Santa Catharina, e do Brasil.

Avante! avante! em vossa bella e nobre carreira, ó formosa legião de talentosos Jovens applicados e estudiosos! Continuai vividos a ensaiar os vossos elegantes «adejos»; e crêde que em breve adquirireis forças para «vôos» mais magestosos e grandiosos!

Conservae esta «chama sagrada» que accendestes no templo da sciencia e da litteratura; desenvolvei-a cada vez mais com todos os vossos esforços, até que o seu esplendor brilhe em honra de nossa patria como um novo pharol de utilidade e de gloria para aquelles que desinteressadamente o accenderão.

Animo! Coragem! Constância, e Perseverança até triumphardes de todas as difficuldades e obstaculos!

Taes são os desejos e sentimentos do vosso sincero apreciador

M. DE CARVALHOS.

Felicidade e culpa.

Deus formando o homem, a sua creatura mais querida, e por consequente de mais esmero da sua Omnipotencia, quiz que n'elle ficasse gravada a sua imagem, e semelhança para maior gloria do seu Nome, dando-lhe por isso todos os meios necessarios á sua natureza, para desta fórma elle attingir á essa altura, a que o tinha collocado uma vontade infinita.

A nossa felicidade e culpa, como intitula-mos o presente escripto, vamos decrevel-as, següendo as nossas forças; não acostumados á meditação de assumptos superiores, só nos limitaremos á ser rhetorico, e nada mais. Eil a:

Deus e sua imagem viviam bem no paraíso terrestre: nenhum accidente viera ainda turbar a sua paz; completa ventura reinava entre elles: o prazer cobria as suas faces e uma doce alegria tornava mais amena a paz do Universo.

Mas o homem estava só e não tinha com quem partilhar tamanha grandeza: sua alegria seria, sem duvida, mais intensa, seu coração mais grato, seu amor mais vivo, e então Deus se apraz em criar-lhe uma companheira.

Criou-a, e os olhos do homem que até então só se alegravam nas bellezas do universo e n'um Deus superior ao seu entendimento não se podem conter tomados de admiração... veem uma belleza nova... seus braços se estendem para abraçal-a e seus passos recuão, e n'este transporte indefinivel agradece á Deus mais este presente da sua divindade: o sorriso com que elle a recebe é inexplicavel, o alvoroço que o inquieta e o transporta, só a innocencia o explica: o sol que o allumia dentro d'alma expande mais luz: sente mais vivamente os effeitos da ventura: seu coração se enleva, encontra uma outra belleza em tudo differente ás bellezas, que vira até agora: suspira e um olhar de seus olhos encontra na mulher a parte angelica da sua natureza: tudo se harmonisa em dupla ventura; tudo se ordena e uma só vontade vae reinar no paraizo.



Mas... não aconteceu assim...

Um anjo máo illudiu a mulher e esta convida o homem á serem desobedientes, comem do fructo, que Deus lh'es havia prohibido e foge a innocencia.

PELLICO.



Discurso da Abertura,

PROFERIDO POR VICTOR HUGO, NO CONGRESSO DA PAZ EM PARIZ, Á 21 DE AGOSTO DE 1849.

(Continuação do n. 11.)

Vou ainda mais longe; não digo sómente : é um fim realisavel, digo mais : é um fim inevitavel; póde-se apenas retardar ou apressar os acontecimentos, eis ahí tudo.

A lei do mundo não é nem póde ser distincta da lei de Deus. Ora a lei de Deus não é a guerra, é a paz.

Os homens começãrão pela lucta, como a creação pelo cháos. Donde vêm elles ?

Da guerra, isto é evidente.

Mas para onde vão elles ?

Para a paz, isto não é menos evidente. Quando affirmais estas sublimes verdades, é muito simples que a vossa affirmacão encontre a negacão; é muito simples que a vossa fé encontre a incredulidade; é muito simples que, n'esta hora de nossas dissencões e de nossas luctas, a idéa da paz universal surprehenda e choque quasi como a apparecção do impossivel e do idéal; é muito simples que se grite que é utopia; e quanto á mim, humilde e obscuro obreiro n'esta grande obra do Seculo 19.º, acceito esta resistencia dos espiritos, sem que ella me admire e desanime. E' possível que não volteis as costas e não fecheis os olhos em uma especie de deslumbramento, quando, no meio das trevas que pesão ainda sobre nós, abris bruscamente a radiante porta do futuro ?

Senhores, se alguém, ha quatro seculos, na época em que a guerra existia entre communa e communa, entre cidade e cidade, entre provincia e provincia; se alguém tivesse dito á **LORÊNA**, á **PICARDIA**, á **NORMANDIA**, á **BRETANHA**, ao **AUVERGNE**, á **PROVENÇA**, ao **DELPHINADO**, á **BORGONHA**:

« Um dia virá em que não fareis mais a guerra, um dia virá em que não levareis mais homens de armas uns contra os outros; um dia virá em que não se dirá mais : Os **NORMANDOS** attacãrão os **PICARDOS**, os **LORÊNOS** repellirão os **BORGUINHÕES**. Tereis ainda muitas contestações para regular, interesses para debater, controversias para resolver; mas sabeis vós o que poreis em logar dos soldados, sabeis vós o que poreis em logar da infantaria e da cavallaria, das peças, dos falconêtes, das lanças, dos dardos e das espa-

das ? Poreis uma caixinha de pinho que chameis a urna do escrutinio, e desta caixa sahirá o que ? uma assembléa ! uma assembléa na qual vos sentireis viver; uma assembléa que será como a vossa alma, um conselho soberano e popular, que decidirá, julgará, resolverá tudo conforme a lei, que fará cair a espada de todas as mãos e surgir a justica de todos os corações; que dirá á cada um: Ali acabou o teu direito, aqui começa o teu dever. Abaixo as armas! vivei em paz! E n'este dia sentireis um pensamento commum, interesses communs, um destino commum, vos abraçareis e reconhecer-vos-beis filhos do mesmo sangue e da mesma raça.

Neste dia, não sereis mais póvos inimigos, sereis um povo; não sereis mais a **BORGONHA**, a **NORMANDIA**, a **BRETANHA**, a **PROVENÇA**, sereis a França !

Não dirigireis vossos passos para a guerra e sim para a civilisação ! »

Se alguém tivesse dito isto, Senhores, n'aquella época, todos os homens positivos, todas as pessoas sérias, todos os grandes politicos de então, terião exclamado: « Oh ! eis o sonhador ! eis o sonho vago ! Como este homem conhece tão mal a humanidade ! Eis ahí uma estranha loucura e uma absurda chiméra ! » Senhores, o tempo passou e esta chiméra é a realidade !

E, insisto sobre isto, o homem que tivesse feito esta prophecia sublime, teria sido declarado louco pelos sabios, por ter entrevisto os designios de Deos !

Pois bem ! vós dizeis hoje, e eu sou daquelles que dizem convosco, todos nós que estamos aqui, dizemos á França, á Inglaterra, á Prussia, á Austria, á Espanha, á Italia, á Russia:

« Um dia virá em que as armas vos cairão tambem das mãos ! Um dia virá em que a guerra parecerá tão absurda e será tão impossivel entre Pariz e Loudres, entre Petersburgo e Berlim, entre Vienna e Turim, como ella o seria hoje entre Ruão e Amiens, entre Boston e Philadelphia. Um dia virá em que vós, França, Allemanha, Inglaterra, vós todas, nações do continente, sem perder vossas qualidades distinctas e vossa gloriosa individualidade, vos constituireis estreitamente em uma unidade superior, e estabereis a fraternidade européa, absolutamente como a Normandia, a Bretanha, a Borgonha, a Lorêna, a Alsacia, todas as nossas provincias se constituirão na França..

Um dia virá em que não haverá mais campos de batalha, e sim os mercados abrindo-se ao commercio e os espiritos ás idéas.

Um dia virá em que as balas e as bombas serão substituidas pelos votos, pelo suffragio universal dos povos, pelo veneravel arbitrio de um grande senado soberano, que será na Europa o que o Parlamento é na Inglaterra,

o que a Dieta é na Allemanha, o que a Assembléa legislativa é na França!

Um dia virá em que se mostrará uma peça nos musêos, como se mostra hoje um objecto de tortura, admirando-se do que isso tenha podido ser!

Um dia virá em que se verá estes dous grupos immensos, os Estados-Unidos da America, e os estados unidos da Europa, collocados em face um do outro, estendendo-se as mãos por cima dos mares, trocando seus productos, seu commercio, sua industria, suas artes, seus genios; lavrando o globo, colonizando desertos, melhorando a creação sob as vistas do Creator, e combinando juntos, para tirar d'ella o bem-estar de todos, estas duas forças infinitas, a fraternidade dos homens e o poder de Deos!

E para chegar este dia não será preciso quatrocentos annos; porque vivemos em um tempo rapido, vivemos na corrente dos acontecimentos e das idéas as mais impetuosas que tenha ainda arrastado os povos, e, na época em que estamos, um anno faz TALVEZ a obra de um seculo!

E Francezes, Inglezes, Belgas, Allemães, Russos, Slavos, Europeos, Americanos, que temos nós á fazer para chegar este dia o mais breve possível?— Amar-nos! Amar-nos!

(Continúa.)



Flora.

(BERNARDIN DE SAINT-PIERRE.)

Preside aos jogos de nossos filhos, encantadora filha da Aurora, amavel Flora; és tu que cobres de rosas os campos do céu que percorre tua mãe; quer se eleve ella cada dia em nosso horisonte, quer se adiante, na primavera, até o alto do nosso hemispherio, e deite seus raios de ouro, e purpura sobre suas regiões de neve. Quanto á ti, suspensa acima de nossos verdes campos, levantada pelo arco-iris ao seio das nuvens chuvas, derramas flôres ás mãos cheias em nossos valles, e sobre nossas florestas: o Zephyro amoroso te segue, bafejando-te, e envolvendo-te do seu humido e tepido bafo. Já se descobre na terra os signaes de tua passagem nos céos; através os raios longuinquos da neblina, as charneças apparecem todas amarellas de floridas giestas, os prados cobertos de botões de ouro, e as cornijas das antigas torres, de goivos açafreados. No meio do mais nublado do dia, crêr-se-hia que os raios do sol brilhassem ao longe, nos cumes das collinas, no fundo dos valles, no alto dos antigos monumentos; orlas de violetas, e de primaveras perfumão os bancos, e o lilaz com seus cachos cobre os muros do afastado cas-

tello. Amaveis fillinhos, correi aos campos, Flora vos chama ao centro dos prados: tudo ali vos convida, os bosques, as aguas, os áridos rochedos; cada sitio apresenta-vos suas plantas, e cada planta suas flôres. Gozai do mez que ella vos dá: Abril é vosso irmão: está na aurora do anno, como vós na da vida; considerai como vossa idade seus aprasiveis dons. Os campos serão vossa escola, as flôres vosso alphabeto, e Flora vossa instructora.

Traduc. de F. PAULINO.



Amor Divino.

D'un jour Interieur je me sens éclairer
Et j'entends une voix que me dit'esperer.

LAMARTINE.

Amor, oh! lindo affecto, que nasceste
Entre espinhos da cruz.
Quem dera que meus dias comprehendessem
A tua forte luz!...

Amor, raio do céu, ventura extrema
Ventura e meu sorriso,
Porque meus dias á folgar se passam
Em chão de paraísco...

Amor, que os sonhos d'alma divinisa
Amor, que eu louvo tanto!
Porque meus olhos á luzir se alongam,
Céos!... divino encanto?...

Amor, anjo querido e visitante
Das almas que te adoram!...
Amor, porque meus dias são serenos
Meus dias já não choram!...

Amor, que os labios meus em seu transporte
Não pódem, não, chegar,
Amor, que os olhos d'homem não compre-
(hendem
A' ti só quero amar...

Amor, oh! lindo affecto que nasceste
Entre espinhos da cruz,
Quem dera que minh'alma comprehendesse
A tua forte luz!...

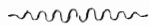
Quem dera que meu ser; no mundo ingrato
Onde o falso reluz!...
Por ti ficasse livre e fosse salvo
De quanto lhe seduz...

Amor, que todo o canto ainda joven
Da lyra do mancebo...
Em pressuroso accento solemnisa
Amor, divino amor, affecto nobre
Primeiro dos sorrisos!

Tu, que toda a terra patentêa
Quando rompe o dia
Ou no céu, á noite, mil fulgores
Surgem scintillantes,

Tu que és o brilho da existencia
D'este mundo inteiro...
Recebe este meu canto
Amor, divino amor dos meus extremos.

SILVIO.

**Perdão!**

Perdão! perdão! meu Deus, se n'um momento
De medonho delyrio ousei descrever-te!
Perdão! se minha mente delyrando
Me fez, triste de mim! desconhecer-te!

Se a descrença polluo minh'alma virgem
Se, sacrilego, ousei negar-te, ó Deus;
Perdão! perdão! Senhor, sê piedoso
Com o mais infeliz dos filhos teus!

Se inda joven, meu Deus, as crencas puras,
Que no meu peito sempre acalentei,
Perdi-as n'um instante de loucura,
Se a seíta de Diogene abracei;

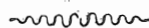
Perdão! que o amargo fel do soffrimento
Tão cedo—ainda tão cedo!—eu já libando
—Do olvido do meu Deus, do Omnipotente—
A causa foi de crime tão nefando.

Perdão! meu Deus, perdão que a febre ardente
Que minha mente ha pouco inda abrasava,
Desvanecoo-se já... nem mais eu sinto.
A dôr do coração, que me acabava!

Perdão p'ra o triste filho-da desgraça,
A' quem adversa sorte ha perseguido:
Ao infeliz que humilde te intercede
Não lhe nega, Senhor, o seu pedido.

Desterro—Julho de 1867.

F. PAULINO.

**A virgem da Capella.**

O. D. C.

á

MOBINHA.

Estava tão meiga, gentil e formosa,
Mais bella que a roza,
—No Templo a rezar;
Que, olhando p'ra Ella, senti logo o peito,
N'um magico effeito,
De—amor—se abraçar...

Fugir eu não pude, que a virgem tão linda,
Me obriga, querida,
A' ficar co'um olhar!
E então n'essa hora de doce ventura,
Com grande ternura,
Eu jurei de a amar.

E meu juramento vou firme cumprindo,
Por ella nutrindo
Amor sem cessar;
E, embora, por isso, eu viva em delirios,
De acerbos martyrios,
Oh! sempre á penar.

A' essa mimosa, fagueira beldade,
Amor, lealdade,
Eu hei de guardar;
Até que a parca, cruel, deshumana,
Me venha, tiranna,
A vida acabar!

OL. E CRUZ.

Desterro—1867.

**Charada.**

Se comigo fallar queres,
Vê bem que pessoa sou:
De ser no presente moro;
A syll'ba mostrar-te vou:—1

Eu sou do home um sustento,
E sem mim não póde andar;
Se por acaso me piso,
Ai Jesus! tem de parar.—1

Pequeno amphibio animal,
Que me alegre quando chove,
Exp'rimentei grãos temôres,
Pedindo um rei ao deus Jove!—1

Est'outra que só te falta,
Facilmente a terás,
É p'ra mais facilidade
Na camurça a acharás—1

CONCEITO.

Companheira sou do homem,
Dês que nasce até que morre:
Quando perdido se vê,
Eu sou só quem o soccorre.

RAMOS JUNIOR.

8 de Dezembro de 67.

S. Abuiôr ás Lettras.

Hoje ás 9 1/2 horas da manhã haverá ses-
são.

O 1.º secretario—F. PAULINO.

Typ. de J. J. Lopes, rua da Trindade n. 2